

Economia não reage mais a choques e pacotes

Nilton Horita

SÃO PAULO — No início dos anos 80 o Brasil se viu sem dinheiro para continuar pagando sua dívida externa. Passaram-se 11 anos e as estatísticas registram 8 programas de estabilização, 15 políticas salariais, 18 mudanças na política cambial, 54 alterações no controle de preços, 21 propostas de renegociação da dívida externa, 18 determinações presidenciais para cortes nos gastos públicos, 11 índices inflacionários diferentes e cinco congelamentos de preços e salários, além de quatro diferentes moedas — cruzeiro, cruzeiro novo, cruzado e cruzeiro. Recessão, desemprego, inflação, queda de poder aquisitivo, achatamento da classe média, falta de habitação, saúde e saneamento.

Ou seja, não deu certo. A inflação está beirando os 30% em novembro e o salário real médio caiu de Cr\$ 230 mil no final de 1981 para Cr\$ 180 mil nesse ano, de acordo com a Fundação Instituto de Estatística de Estudos Econômicos (IBGE). A lição contida nesses números não poderia ser mais clara: “Essa forma de administrar a economia através de planos heterodoxos contínuos não tem mais efeito nenhum”, afirma Alcides Lopes Tápias, presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban).

Acostumada a enfrentar uma nova mudança na política econômica a cada esquina de problemas, os agentes econômicos tentam adivinhar o

que vem pela frente e armam defesas para não sofrer prejuízos com a alteração iminente e até faturar algum com a mudança. A administração do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, porém, tem tentado passar para a sociedade que a era dos pacotes acabou de verdade. Repete de tempos em tempos que a proposta é justamente inversa. Isto é, praticar uma linha econômica liberal, ou algo que não promova sustos, surpresas. Em suma, nunca haverá um conjunto de medidas econômicas de impacto que subverta completamente a ordem estabelecida. Um trabalho de longo prazo, gradativo e que exige paciência acima de tudo.

Persevera em medidas de cunho liberal como alternativa para estabilizar a economia. A dificuldade, porém, é justamente convencer a sociedade de que isso é verdade. De setembro até a última semana de outubro, por exemplo, a economia se comportou no sentido de se precaver contra um novo congelamento de preços, por causa da inflação ascendente. Grandes indústrias chegaram a receber suas vendas para magazines em cheques pré-datados para evitar a aplicação da tablita que existe sobre cobrança em duplicatas. A Xerox, por exemplo, começou a vender papel por Cr\$ 45 mil, mas aplicava desconto de mais de 50%. Ou seja, as empresas passaram a colocar gordura sobre o preço original do produto, vendendo com desconto, para se precaver contra um congelamento.

A participação dos economistas é

Arquivo



Langoni: proposta liberal

Arquivo



Schulman: remédio ineficaz

evidente nesse processo ao longo dos anos. “Nós, economistas, fomos prepotentes demais”, afirma Nelson Rocha Augusto, gerente do Departamento Econômico do Banco Votorantim. “A classe precisa entender que os problemas de um país como o Brasil exigem a concentração multidisciplinar.” O deputado Delfim Netto (PDS-SP) tem o hábito de explicar em suas palestras por que chegamos a essa situação: “Quando você mistura H² com O dá água porque os elementos químicos são sempre os mesmos. Agora, com o agente econômico não dá sempre a mesma coisa, pois são elementos mutantes”, ensina. “O doente já tomou doses excessivas de remédios diferentes, o que torna seu efeito mais ineficaz a cada dose”, adiciona Maurício Schulman, presidente do Conselho de Administração do Bamerindus.

Por tudo isso, o número de pessoas que acreditam que o ministro Marcílio está falando a verdade, que era zero, começa a existir. O ponto chave do convencimento foi que, no momento de crise mais aguda, semana retrasada, o governo não fez nada. “Cada vez que o governo supera as dificuldades”, reconhece Luiz Masagão Ribeiro, presidente da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), o centro do nervosismo nacional na última semana de outubro. “Está na hora de pagar para ver”, acrescenta Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar.

“É pau na máquina na linha libe-

ral”, reforça Adroaldo Moura da Silva, diretor da Silex Trading. Concorde o economista Carlos Geraldo Langoni, diretor da Fundação Getúlio Vargas: “Chegou a hora de dar uma chance para a proposta liberal.” A política econômica do ministro Marcílio não tem nada a ver com pacotes, congelamentos e tablitas, e nem com confisco do dinheiro. Alguns profissionais especializados em montar cenários sobre o futuro da economia, aliás, já começam a trabalhar dentro do preceito liberal para organizar o planejamento das empresas. O calendário prevê até o final do ano a aprovação do pacote tributário e o anúncio do acordo do Brasil com o FMI.

Trata-se de uma mudança muito grande na expectativa dos agentes econômicos, pois as previsões são positivas, pela primeira vez. “Há três semanas, o cenário das pessoas era de hiperinflação e choque violento na economia”, lembra Rocha Augusto. “Agora, mudou para estabilidade próxima com o acordo com o FMI. Mantendo-se a taxa de juros alta e perserverando na política de liberação da economia, é bem provável que a inflação comece a ceder no segundo trimestre do ano que vem, com recuperação econômica no segundo semestre”, prevê Langoni. “Não é hora de recuar diante de propostas como o congelamento ou reindexação; seria um retrocesso irreversível.”

As mudanças desde 1980

Tipo de medida	Tentativas	Principais exemplos
Programa de estabilização	8	Planos Collor e Cruzado
Política salarial	15	Livre negociação e redutor de acordo com percentual da inflação passada
Política cambial	18	Criação do câmbio de taxas flutuantes
Controle de preços	54	Liberação total de preços
Renegociação de dívida externa	21	Securitização (troca de dívida por novos papéis)
Corte nos gastos públicos	18	Demissão que não ocorre
Índice inflacionários	11	Abolição de qualquer índice
Congelamento	5	Todos iguais

Fonte: Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban).